

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

ABRANCHES, Sérgio Henrique. Sérgio Henrique Abranches (depoimento, 2018). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (1h 45min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre BANCO SANTANDER. É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Sérgio Henrique Abranches
(depoimento, 2018)**

Rio de Janeiro

2019

Ficha Técnica

Tipo de entrevista: Temática

Entrevistador(es): Celso Castro; Sérgio Rodrigo Marchiori Praça;

Técnico de gravação: Ninna Carneiro;

Local: Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

Data: 11/09/2018 a 11/09/2018

Duração: 1h 45min

Arquivo digital - áudio: 1; Arquivo digital - vídeo: 1;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Memória das Ciências Sociais no Brasil”, desenvolvido com financiamento do Banco Santander, entre janeiro de 2016 e dezembro de 2020, com o objetivo de constituir um acervo audiovisual de entrevistas com cientistas sociais brasileiros e a posterior disponibilização dos depoimentos gravados na internet.

Temas: Abertura política; América Latina; Assembléia Nacional Constituinte de 1987-1988; Atividade profissional; Brasília; Censura; Ciências Sociais; Cinema; Coalizão política; Ditadura; Estados Unidos da América; Família; Formação profissional; Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ); Magistério; Meio ambiente; Militância política; Minas Gerais; Obras literárias; Perseguição política; Pesquisa científica e tecnológica; Política; Pós - graduação; Produção intelectual; Racismo; Sociologia; Universidade de Brasília; Universidade Federal de Minas Gerais;

Sumário

Origem familiar em Curvelo e mudanças da família. Chegada em Brasília, envolvimento político e atuação político-jurídica do pai. Militância política, interesses por Cinema e escolha por Ciências Sociais e Sociologia. Curso de Sociologia na UnB e a censura. Mestrado, início da docência e perseguição na Universidade. Militância política durante a ditadura. Escolha pela Cornell University nos Estados Unidos. Vida nos Estados Unidos, movimentações políticas e racismo. Literatura sobre a América Latina na Cornell e tema de pesquisa. Visita ao Brasil, abertura política e professor visitante na UFMG. Entrada no IUPERJ e clima político na nova constituinte. Escrita do artigo Presidencialismo de Coalizão. Saída do IUPERJ, posicionamento frente a crise da instituição e desligamento da vida acadêmica tradicional. Opinião em retrospectiva sobre a trajetória do IUPERJ. Interesse pelo tema do Meio Ambiente. Profissão de escritor. Criação da reserva patrimônio natural e escritas sobre sustentabilidade. Relação com as redes sociais e com o mundo digital. Leitura marcante.

Entrevista: 11.09.2018

C.C. - Sergio, em primeiro lugar obrigado por ter aceito o convite para participar desse projeto. E a gente gostaria de primeiro ter uma visão dos teus anos de formação, quer dizer, antes ainda da universidade. Enfim, ambiente familiar e a formação escolar. Você nasceu em Minas, não é? Interior de Minas.

S.A. - É. É um prazer falar com vocês. Um projeto tão importante, dessa envergadura. Eu nasci em Minas, nasci em Curvelo, no sertão mineiro. É uma cidade que fica no sopé de Diamantina e perto da cidade do Guimarães Rosa. Então ela é famosa ou por ser perto da cidade do Juscelino Kubitschek ou por ser perto da cidade de João Guimarães. Mas na verdade tem uma família importante em Curvelo, que é a família Cardoso, do Lúcio Cardoso, escritor, e do Adauto Lúcio Cardoso, que foi um deputado muito importante, foi um político muito influente na segunda República brasileira.

C.C. - E a tua família, os teus pais? Teu pai trabalhava em que?

S.A. - Meu pai era advogado. E minha mãe também. A minha mãe, que é de Curvelo, do sertão. Meu pai era de Barbacena. E ele também, no começo da vida, teve um envolvimento com a política, foi presidente da Câmara de vereadores lá de Barbacena, que era uma cidade muito dividida em dois... Era bipolar, não é. Tinha os Andrada e os Bias Fortes.

C.C. - E ele era de que partido?

S.A. - Ele era ligado aos Bias Fortes e era aparentado com os Andrada. E aí não deu certo. [risos] A tentativa de fazer política em um mundo desses, polarizado desses, e tendo ligações com os dois lados, não é.

S.P. - Isso nos anos 50?

S.A. - Isso nos anos 40.

S.P. - 40.

S.A. - É. Nos anos 40. Nos anos 50, eles já se mudaram, minha família já se mudou para Belo Horizonte, e aí depois o meu pai era encantado com o Juscelino e aí foi para Brasília junto com o Juscelino.

C.C. - Mas você morou em Curvelo até que idade?

S.A. - Não, nunca morei em Curvelo.

C.C. - Ah, não. Só nasceu.

S.A. - O meu nascimento em Curvelo se deve à circunstâncias muito particulares. É porque a família da minha mãe tinha uma figura muito forte que era o meu bisavô, o avô dela, que era médico. Então ele fazia questão. Eu fui o primeiro bisneto dele, o primeiro neto da minha avó, que era a filha mais velha dele. Então, ele fez questão de que o parto fosse ele que fizesse. Ele era um médico importante. O médico do Curvelo.

C.C. - Seu bisavô?

S.A. - Meu bisavô. Foi quem descobriu a miopia do Guimarães Rosa e depois é o personagem do Miguilim...

C.C. - Ah, que fantástico!

S.A. - ... que reconta a história da descoberta da miopia do Guimarães Rosa. Então a minha mãe foi para lá, acho que dois ou três meses antes do parto, e logo depois a gente voltou para... Nós morávamos, na época, em Barbacena.

C.C. - Em Barbacena. E você... Eram quantos filhos?

S.A. - Quatro.

C.C. - Quatro. Você morou em Barbacena até que idade?

S.A. - Morei em Barbacena até uns quatro anos de idade.

C.C. - E aí foi para Belo Horizonte.

S.A. - E aí depois fomos para Belo Horizonte. É.

C.C. - Em Belo Horizonte, estudava em que colégio?

S.A. - Em Belo Horizonte eu estudei no Colégio Santo Antônio. Mas muito pouco, porque logo depois nós nos mudamos para Brasília, não é. Eu, na verdade, fiz a minha formação, fiz o final do primário até a faculdade em Brasília.

C.C. - Em que ano que foi para Brasília? Quer dizer, foi logo no início?

S.A. - Nós chegamos em Brasília... Meu pai começou a frequentar Brasília desde 59, com o Juscelino. Porque ele fazia parte da equipe que montou a estrutura de cargos e salários do novo funcionalismo público lá. E nós nos mudamos para Brasília no mês da inauguração.

C.C. - Nossa. Você tinha o que? Dez, doze anos?

S.A. - Tinha dez, é. Dez.

S.P. - E como era, como foi isso?

C.C. - O que é que você lembra dessa época?

S.A. - Olha, era uma coisa, assim, completamente diferente de tudo o que eu já tinha passado, não é. Às vezes me lembrava um pouco das idas às fazendas em Curvelo, porque era um fazendeiro. [riso] Era muito cerrado. Impressionante a quantidade que se desmatou em Brasília depois que ela foi construída integralmente, não é. E a principal rua que tinha em Brasília na época, que era a W3, era de terra. Ela não tinha asfalto. Tanto que a minha primeira... A minha lembrança e a minha imagem mais forte do Golpe de 64, era a marca das lagartas dos tanques no asfalto recém colocado em frente à minha casa, na W3.

C.C. - Você tinha o que? Catorze...?

S.A. - É, tinha. Eu estava no secundário. Aí já fazia política estudantil na... Eu sempre estudei... Eu fui expulso de todas as escolas particulares em que eu estudei e acabei fazendo a minha formação mesmo em escola pública.

C.C. - Mas o seu pai, em Brasília, ele ficou ligado ao governo ou continuou advogando?

S.A. - Não, meu pai era funcionário do antigo IAPB. Ele era advogado do antigo IAPB. Naquela época não tinha proibição de advogar, a não ser em causas... na mesma área.

Então ele tinha um escritório de Direito Civil e fazia o contencioso da previdência social em sucessivas etapas da vida, não é. Depois da unificação, ele foi para o INSS.

C.C. - Legal. Mas essa tua militância política veio de onde? A estudantil.

S.A. - A militância veio da vida estudantil, não é. E eu era muito inquieto. Por outro lado... Na verdade, a minha ideia original não era fazer Ciências Sociais. Eu, desde essa época aí já do ginásio, que a minha ideia era fazer Literatura e Cinema. Era escrever e fazer Cinema. E quando chegou no segundo ano do colegial, eu me mudei para um colégio que ficava perto da Universidade de Brasília, o Ciem, que era uma espécie de Colégio Aplicação da UNB, e aí tinha um curso de Cinema na UNB. E aí eu já vinha há muito tempo lendo, e eu comprava muito livro - eu me lembro muito bem - eu comprava muito livro do professor de Geografia. O professor de Geografia que eu tinha na escola, ele era o gerente de uma livraria da Civilização Brasileira, da antiga Civilização Brasileira, que ficava perto lá de casa. E eu ia lá, comprava muito livro. E ele era do Partido Comunista, então ele ficava conversando comigo, me indicando literatura e tal. Nunca conseguiu me convencer a me filiar ao partido. Mas, é...

C.C. - Mas tentou?

S.A. - Tentou seguidamente. [riso] E aí... Mas com isso, evidentemente, nessas conversas eu acabava lendo muita coisa de política e de economia, não é. Mas seguindo o meu propósito de fazer Cinema. Tinha um curso de iniciação...de extensão da UNB que era aberto a não alunos, que eu fiz, que era coordenado pelo Paulo Emílio Salles Gomes e pelo Jean-Claude Bernardet. Era um momento, assim, espetacular, já depois da Ditadura, foi assim uma espécie de suspiro

de liberdade na UNB, até que veio o AI-5. E aí em 68, aí acabou completamente qualquer possibilidade de...

C.C. - Mas é quando você está entrando...

S.A. - Que é quando eu estou entrando na universidade.

C.C. - E por que Ciências Sociais?

S.A. - Olha, aí eu já estava mais envolvido, achando que na verdade eu devia fazer um curso mais técnico, mais substantivo, mais acadêmico, para continuar fazendo cinema e literatura, mas com um pouco mais de substância crítica, digamos assim. E aí, eu queria fazer Sociologia. Não tinha Sociologia, o curso de Sociologia tinha sido fechado pelos militares. Então eu fiz o vestibular para Economia. Fiz o vestibular para Economia...

C.C. - Isso, final de 68?

S.A. - Fiz no final de 68 o vestibular e entrei, comecei a cursar em 69. O primeiro trimestre não teve aula porque a Universidade estava fechada pelos militares. Porque lá tinha sido o centro do movimento, não é?, liderado pelo Honestino, a cujo grupo eu pertencia. E aí, quando reabriu, nós imediatamente começamos a fazer um movimento para criar o curso de Ciências Sociais. De Sociologia. Tinha Antropologia, a Antropologia era forte, tinha o Roberto Cardoso de Oliveira, tinha o Julio Cesar Melatti, tinha gente de muito boa qualidade lá. E aí abriu-se o curso de Sociologia e eu me transferi para Sociologia.

S.P. - No mesmo ano ainda, 69, isso.

S.A. - No final de 69. Exatamente.

C.C. - E quem eram os professores na época? Alguns.

S.A. - Olha, no começo era o Maurício...

C.C. - Vinhas de Queiroz?

S.A. - Vinhas de Queiroz... Quem mais que tinha lá? Tinha o Elbio Gonzales. E logo em seguida chegou... Tinha o Celson, que depois voltou para Minas. E logo veio o David Fleischer, que continuou lá em Brasília até hoje, não é. Nunca mais saiu.

C.C. - Entrevistamos também.

S.A. - É?

C.C. - Melatti também entrevistamos para o projeto.

S.A. - E aí, logo em seguida, eles chamaram o Gláucio Soares para...

C.C. - O Gláucio também entrevistamos.

S.A. - ... para montar o... terminar de montar o departamento. Aí, o Gláucio... Foi aí, por intermédio do Gláucio, que veio Alexandre Barros, Amaury de Souza. E, por outro lado, ele também montou... Ele chamava muita gente para dar aula como professor visitante. Antonio Otavio Cintra, Vilmar Faria. E até alguns, o [inaudível], tinha uns estrangeiros também.

C.C. - Você lembra o que é que se lia na época? Por exemplo, literatura marxista se lia? Porque aquilo era 69,70,71... Está no auge da repressão.

S.A. - É. Estava. E se tinha grandes dificuldades. Tinha muito livro proibido. Por exemplo, eu me lembro que o livro do... *O dependência e desenvolvimento*, do Fernando Henrique e do Faletto, era proibido. E a gente lia fora da Universidade, porque era obrigado a ter um curso lá de Estudos Brasileiros, que era a Moral e Cívica para o ensino superior.

C.C. - EPB, Estudos dos Problemas Brasileiros, eu acho.

S.A. - Estudos de Problemas Brasileiros. E aí a gente fazia um Estudos de Problemas Brasileiros, proforma, no visível, e fazia uma discussão da literatura proibida na casa de alguns professores. Eu me lembro de Edmar Bacha fazia isso com o pessoal de Economia, e a gente fazia também. Eu, o meu curso foi muito curto, a minha graduação foi muito curta. Por conta desses problemas todos, a gente fez um mutirão para conseguir...

C.C. - Terminar logo.

S.A. - Terminar logo. É. E aí eu fiz o concurso para o mestrado lá na UNB mesmo...

C.C. - Mas... Perdão. Tinha olheiro na turma? Ou não?

S.A. - Não. Na...

C.C. - Alguns lugares tinham narrativa, não é. Em outros lugares.

S.A. - É, tinha muito olheiro na universidade. A gente inclusive expulsou uns três ou quatro lá que a gente descobriu. E provavelmente tem vários que a gente não descobriu nunca, não é. No nosso curso, ele era muito pequenininho. Todo mundo se conhecia. Acho muito pouco provável que tivesse. Mas a gente ficava o tempo todo sendo vigiado, não é. Era uma coisa bem... E aí... Eu entrei em 69, em 71 eu fiz o exame para o mestrado. E os três primeiros lugares viravam professores também. Começavam a carreira de professor.

C.C. - Já começava imediatamente?

S.A. - Já começava imediatamente. É. E aí eu me lembro, eu fui terceiro colocado. Eu me lembro que quem passou em primeiro foi o Baesse, o Eduardo Baesse de Souza, que depois foi assassinado em Belo Horizonte. Situação trágica. A Nádia Araújo passou em segundo lugar, que hoje é socióloga da USP. E eu. Aí nós três começamos a dar aula lá.

C.C. - E você dava aula de que?

S.A. - Introdução à Sociologia.

C.C. - Introdução à Sociologia. Na graduação, em Sociologia mesmo?

S.A. - Na graduação em... Na verdade, no básico. Como a UNB tinha aquele formato americano, de cursos básicos, eu, na verdade, nós tínhamos uma cinco ou seis turmas de Introdução à Sociologia que a gente dividia, uns cinco ou seis professores. Porque dava para toda área de humanidades. Era obrigatório.

C.C. - Agora, o mestrado, você entrava e escolhia o orientador antes?

S.A. - Escolhia o orientador. Meu orientador foi o Gláucio. E, logo com o Gláucio eu comecei a trabalhar na área de relações entre o Executivo e o Legislativo. A gente escreveu um artigo junto, foi o primeiro que eu publiquei, chamava-se *As funções do legislativo*. E depois eu fiz a minha tese sobre... chamava-se *O processo legislativo: conflito e conciliação na política brasileira*.

C.C. - É, o Gláucio depois acabou saindo da UNB também porque ele era perseguido pelo reitor, não é.

S.A. - Pois é.

C.C. - Foi para a Flórida.

S.A. - Depois foi para a Flórida. O que é que aconteceu: quando eu terminei o mestrado, a situação já estava ficando muito difícil. E eu me candidatei a uma bolsa do departamento, que era dada pela Fundação Ford, para ir fazer o doutorado nos Estados Unidos. E fui. O Gláucio também saiu para passar um sabático. Ele acabou passando um sabático na Sociologia da Universidade Cornell, e eu fui fazer o doutorado na Ciência Política. Quando ele voltou, ele já enfrentou dificuldades, aí voltou de vez para a Flórida. E eu, quando eu terminei o curso lá e ia voltar para a UNB para retomar as aulas e fazer a tese de doutorado, o reitor me demitiu por incompatibilidade ideológica. Eu tive inclusive um pouco de trabalho porque depois, quando eu quis construir o meu currículo documentado, eles não conseguiam encontrar a minha passagem pela UNB. [risos]

C.C. - O Gláucio...

S.A. - Só como aluno.

C.C. - Um parêntesis: O Gláucio conseguiu isso muito tempo depois, com o *habeas data*, se eu não me engano.

S.A. - É.

C.C. - Eu me lembro no CPDOC, que ele veio para ler um rolo de microfilme, porque tinha umas máquinas, ele chorou de emoção, porque ele viu a correspondência do reitor, como que perseguiam mesmo. Porque tinha muita gente que dizia que ele foi para os Estados Unidos ganhar dinheiro e tal.

S.A. - É, pois é.

C.C. - E que não era perseguido. E tinha lá a comprovação de que ele de fato era perseguido. Então as pessoas falando: "Olha, ele é perigoso, e não sei o que..." Então, realmente, o Gláucio...

S.A. - Não, claro!

C.C. - O Gláucio foi o que? Noventa e tanto que ele conseguiu a documentação.

S.A. - A documentação. É, a gente ficava com esse buraco, porque era uma coisa tão arbitrária. Quer dizer, eu me lembro que teve uma vez que teve um episódio da repressão na Universidade, que foi inclusive o seguinte: descobrimos que tinha um professor da matemática que era informante da polícia.

C.C. - Que isso.

S.A. - E aí resolvemos expulsar o professor da Universidade. Fizemos um movimento, expulsamos o professor da Universidade. Invadimos lá o apartamento dele - ele morava na Colina, que era prédio dos apartamentos - invadimos, botamos ele para fora, jogamos as coisas dele pela janela e tal. E eu me lembro que foi um grupo convocado na sala do reitor, e o reitor tinha o fichário com todos os estudantes e os professores, que ele pegava, puxava as fichas, assim, e olhava e... Quer dizer, era tudo comandado por ele. Um capitão de mar e guerra, não é, que tinha feito um curso de Física e que aí se dizia cientista por causa do curso de Física. Mas ele era...

C.C. - Qual é o nome dele mesmo? É Azevedo?

S.A. - É. Azevedo. É.

C.C. - Eu não sei, não me lembro o prenome dele.

S.A. - Não lembro o prenome dele. Era...

C.C. - Era Azevedo que chamavam.

S.A. - José Carlos Azevedo. José Carlos Azevedo.

S.P. - Mas isso foi mais para o fim dos anos 70 já.

C.C. - Não.

S.A. - Isso foi... Não, isso foi no começo dos anos 70.

S.P. - No começo.

S.A. - No começo para meados. É.

C.C. - Pois é. Mas a tua, vamos dizer, militância política, ela tava mais estruturada? Como é que foi já na...?

S.A. - É. Na...

C.C. - Foi no curso da graduação ou no mestrado que...?

S.A. - Não, já era firme na graduação, não é. Era um momento muito perturbado da... Porque depois do AI-5, o movimento passou a discutir com toda a seriedade a ida para a clandestinidade e a resistência. E eu achava que...

C.C. - Você estava ligado a que grupo?

S.A. - Pois é. Eu nunca me liguei. Eu nunca me liguei porque...

C.C. - Você falou do Honestino.

S.A. - Pois é. Eu tinha muito boas relações e seguia politicamente o Honestino mas eu não aceitei a opção pela resistência armada. Eu achava que não ia funcionar e que ia aumentar o grau de repressão e que era preciso de resistir de outras maneiras e tal. E aí eu me recusei a... Nem me recusei, porque na verdade, se você não aceitava a opção, você nem podia fazer parte. Quer dizer, era uma coisa que você começava a ficar sendo isolado, até por uma razão de segurança bastante compreensível.

C.C. - E durante o curso, que era em 69. 70...70 e 71, grande parte da luta armada já estava dizimada.

S.A. - Já. Quer dizer...

C.C. - Quer dizer, ou fugindo, ou...

S.A. - Fugindo muito, escondido, não é. A gente tinha muita notícia da... Mas você continuava tendo a relação entre o mundo clandestino e o mundo não-clandestino, não é. Os suportes e tal. Isso produzia recorrente suspeita contra todo mundo. E eu me lembro que até eu ir para os Estados Unidos, a gente tinha invasões da polícia na UNB recorrentes. Eram seguidas. Eu fui preso várias vezes porque eu namorava uma menina cujo pai era professor também, que morava na Colina. E a Colina, na época, era um grupo de...um condomínio de prédios, de apartamentos, da Universidade, mas que na época era mais difícil o acesso. Você só conseguia acessar por dentro do campus e por uma estrada de terra. E eu ficava até de madrugada lá, namorando e tal, quando eu ia voltar para casa, invariavelmente, mas seguidas vezes, a Universidade estava cercada, eles paravam, revistavam o carro e tal e acabavam levando para averiguação.

S.P. - Mas você era preso, você passava a noite, o dia?

C.C. - Para averiguação

S.A. - Às vezes passava a noite e tal. É. Nessa época do início dos anos 70, o meu pai era presidente da OAB, em Brasília. Então ele tinha montado um sistema de plantão. Tinha sempre alguém que ficava recebendo... Então, se o filho de alguém, ou irmão de alguém ou alguém não chegasse - [barulho de telefone] Desculpe, eu esqueci de botar no silêncio - não chegasse em casa ou por alguma razão desaparecesse ou alguém dissesse: "Ó, apareceu." Saía um grupo de advogados pelos lugares onde era comum ter presos e só não conseguia ter entrada quando eles iam diretamente para o Exército. Eu nunca fui levado para o Exército nem para nenhuma dependência, coisa nenhuma. Sempre fui preso no Dops ou na Polícia Civil. Polícia militar. Então, você conseguia sair com relativa facilidade. A não ser que tivesse alguma coisa mais firme da ligação com a clandestinidade.

S.P. - Não chegaram a te pegar com carta, documento, alguma coisa... Ou evidência de que você protegeu alguém?

S.A. - Não, porque eu nunca andava com isso no carro. Eu deixava isso sempre...

S.P. - Na sua casa tinha?

S.A. - Na minha casa tinha.

C.C. - Agora, Sérgio, você mencionou... Você foi para a Cornell por causa do Gláucio?

S.A. - Não, eu fui para a Cornell por causa da minha suspeita de que eu teria enormes dificuldades de aceitação intelectual nas universidades americanas. E Cornell era uma universidade muito conservadora, muito de direita, mas ela tinha um programa muito flexível que você tinha que fazer muito pouco curso obrigatório e você podia montar o seu curso com razoável flexibilidade, com muito curso de leitura e tal.

C.C. - Mas você conhecia alguém lá? Ou foi com a cara e a coragem?

S.A. - Eu conhecia a história da Universidade. O Celso Lafer tinha feito o doutorado lá. Foi o primeiro brasileiro a fazer o doutorado. Eu fui o segundo. Em Ciência Política. Então, o Celso

foi da minha banca de mestrado lá na UNB. E eu sabia que tinha essa flexibilidade, eu fui aceito para Harvard, para Princeton e para Cornell, eu escolhi Cornell. E aí tinha a ver com isso. Tinha a ver com basicamente o fato de que eu podia formatar os cursos de leitura. Escolhi um orientador que era um cara que tinha uma relação com o Partido Comunista Italiano, tinha escrito sobre... Depois passou a escrever sobre movimentos sociais...

C.C. - Quem era mesmo?

S.A. - Sidney Tarrow.

C.C. - Ah, sim.

S.A. - E também me liguei muito ao Eldon Kenworthy, que tinha estudado Argentina. E que era um sujeito muito mais flexível, muito mais aberto. Liberal, no sentido americano da palavra, não é.

C.C. - Nos anos 70 tem uma geração que depois vai, vamos dizer, recriar a Ciência Política ou a Sociologia Política, que estuda nos Estados Unidos, não é. José Murilo faz lá, o Alexandre Barros, Olavo, Gláucio... Gláucio é mais antigo. Mas enfim, essa geração vai estudar nos Estados Unidos, mais do que a opção para a Europa, não é, que não tinha. Você chegou a pensar em ir para outro lugar?

S.A. - Não, porque a minha bolsa era da Fundação Ford e era para os Estados Unidos. Então não tinha nem muito o que pensar. E como eu já na época, eu vivia por conta própria, não era financiado pelos meus pais... Eu saí de casa com 17 anos, fui trabalhar no jornal para poder me sustentar.

C.C. - Ah é? Lá em Brasília?

S.A. - Em Brasília.

S.P. - Qual jornal?

S.A. - O primeiro jornal que eu entrei foi *A Última Hora*. Depois eu fui para o *Correio Brasiliense*, depois fui para o *Estado de São Paulo*. E aí financiei a faculdade toda como jornalista. Quando eu fiz o concurso, que aí eu passei a ganhar como professor, de entrada, aí eu tive que abandonar o jornalismo porque era uma coisa *full time* e tal, já não tinha mais tempo para o jornal. Então, para mim era essencial a bolsa porque meus pais nem teriam condições de pagar. A Cornell é uma universidade muito cara. Continua sendo. E então tinha que ter... Então na verdade os Estados Unidos era quase que uma determinação, entendeu? Quer dizer, ou lá ou...

C.C. - E lá, como é que foi? Você ficou morando onde? Quanto tempo você ficou [inaudível]?

S.A. - Eu fui para Ithaca diretamente, não é. A Universidade me deu uma casa - Eu fui casado - Ela me deu uma casa para estudantes casados e eu fiquei o tempo todo morando nessa casa.

C.C. - A tua esposa era o que que ela fazia nessa época?

S.A. - Ela estudava design gráfico. Nós nos separamos nos Estados Unidos, ela virou uma artista plástica nos Estados Unidos. Ela nunca voltou.

C.C. - Mas você conheceu na UNB?

S.A. - Conheci... É, conheci em Brasília.

C.C. - Ah tá. É a mãe do teu filho?

S.A. - Não.

C.C. - Não.

S.A. - Não. A mãe do meu filho é a segunda.

C.C. - Está bom.

S.A. - E lá no curso... Foi muito difícil porque, veja, ainda havia ecos do movimento de maio de 68. Cornell tinha sido duramente afetada pelo movimento.

S.P. - Como?

S.A. - Ela era muito conservadora e muito racista. E a maior parte dos professores foi demitida por pressão do movimento dos estudantes... E tinha uma comunidade negra importante na cidade, porque Ithaca era uma cidade que cuja atividade econômica se resumia na Universidade e em duas fábricas: uma fábrica da NCR, que fazia caixas registradoras, e uma fábrica de *shotgun*, de espingarda, chama Ithaca Gun. E aí tinha operário. Tinha, quer dizer, tinha gente trabalhadora, era uma cidade muito pequena. Quando eu estudei lá, tinha setenta e cinco mil habitantes. A população aumentava com, sei lá, quinze ou vinte mil estudantes da Universidade de Cornell, não é, que era uma população mais volante. E então, quando eu cheguei lá, por exemplo, a idade média dos professores do departamento de Ciência Política era muito baixa. Eu me lembro que o Sidney Tarrow, - depois eu fiquei sabendo, ele nunca me contou isso quando eu estudei com ele - primeiro eu fui trabalhar com ele na área de Política Comparada. Ele dava junto com... um outro lá de Cornell, um alemão. Já, já eu me lembro o nome dele. Eles davam o primeiro seminário de Política Comparada, que era obrigatório para quem fosse fazer o *majoring* em Política Comparada, que era o meu caso. E era o primeiro curso que ele dava. Ele tinha recém entrado. Ele tinha o que, uns trinta e poucos anos, para quarenta. E tinha... Os mais velhos eram bem mais conservadores, tinham sobrevivido sei lá como, mas... Então a Universidade tinha ainda muita tensão. Eu me lembro que tinha uma *blue line*, que você, quando escurecia, o caminho obrigatório pela *Safety Division* da Universidade era você fazer a *blue line*, que era um caminho que tinham uns postes com a luz azul e que você nunca tinha sombra. Em cada poste tinha um dispositivo de acionamento da divisão de segurança. Porque tinha tido um embate - aí já depois de 68. Em 70. Foi um ano antes de eu chegar. Não. 71. Dois anos antes de eu chegar. Eu cheguei em 73 - um conflito na cidade, racial, que tinha levado a

uma menina negra a ser estuprada. Aí depois meninas brancas foram estupradas. Aí começou um conflito de... em que as meninas eram vítimas.

S.P. - Nossa.

C.C. - E a tua experiência, você lembrando, tua sensação de viver na sociedade americana na época? O que é que te atraía? O que é que não atraía? Como é que era?

S.A. - Eu até, no livro que eu publiquei no ano passado, *A era do imprevisto*, eu conto isso, não é. Eu cheguei nos Estados Unidos deslumbrado. Porque era, assim, primeira coisa que eu fui fazer, fui ver todos os filmes que eram proibidos no Brasil. [risos] E era uma quantidade grande, não é. Tudo era proibido, desde os filmes políticos até...Eu me lembro, por exemplo, O último tango em Paris, era proibido por causa da sexualidade do filme e tal. Então eu achava aquela coisa, sensacional, aquela liberdade, sensacional. Quando eu, um semestre depois, eu já tinha passado pelas experiências do conservadorismo da sociedade americana, do racismo da sociedade americana etc, eu me dava conta exatamente assim: "Caramba, é melhor do que o Brasil porque tem liberdade, mas isso aqui não é democracia suficiente." Eu ficava sempre com esse conflito entre o suficiente, o que não tem, não é, a carência, e você ter alguma coisa que sabe que pode ter mais e melhor.

C.C. - Tinha efeito lá, você sentia a contracultura, não é, o movimento *hippie*, pacifismo, *anti-war*, *beatnik*, toda essa coisa que vem dos anos 60, não é, e vai entrando nos anos 70?

S.A. - É, você ainda tinha reflexo disso, não é. Mas em Cornell era uma minoria porque realmente era uma universidade... Quer dizer, Cornell era aquela universidade na qual você tinha dois grandes departamentos, que eram os departamentos que financiavam Cornell: o departamento de *business*, que era um departamento muito voltado para a área de hotelaria, e as famílias de grandes proprietários de hotéis estudavam lá, tinham cursos importantes de gastronomia e tudo, e o departamento de Direito. E o departamento de Direito de Cornell sempre foi a fonte principal que alimentava os escritórios privados de advocacia da região ali de Nova Iorque, Washington, enquanto Harvard basicamente gerava advogados mais para a carreira política, gente que ia trabalhar no governo, não é, e uns *lobbies* e tal. Portanto, era uma universidade muito conservadora. Mas tinha coisas, assim, encantadoras, como por exemplo, você, de repente, sair na hora do almoço - tinha uma capela ligada à biblioteca do *undergraduate*, da graduação de Cornell, que tinha um daqueles sinos que tocam como um órgão - e tinha um cara lá que toda hora, na hora do almoço, ele tocava a internacional.

C.C. - [risos]

S.A. - [risos] E aquela maioria, a maior parte dos [inaudível] não faziam a menor ideia de que música era aquela que estava tocando. E aí tinha os latinos, o pessoal politizado que sabia, que achava muito engraçado aquele negócio. Mas era uma universidade muito racista. Eu fui fortemente discriminado. Eu era o único latino do departamento e o único branco esquisito.

C.C. - *Non white*. Na verdade, era...

S.A. - É, *non white*.

C.C. - Era *hispanic* que chamavam, ou latino?

S.A. - Na época eles nem tinham essa dominação muito... Eles falavam *hispanic* mas não era como agora, que você tem uma comunidade claramente definida e tal, não é.

C.C. - Quer dizer, no Brasil você era branco. Lá você era... estranho.

S.A. - Exatamente. E a minha mulher, na época, essa era negra. Ela era negra. Porque ela era uma cafuza.

C.C. - Ah, então era um casamento inter-racial, como dizia na época, que era muito...

S.A. - É. É. E eu me lembro que eu tive dificuldades. No primeiro... Cornell você tinha que fazer - como é normalmente em todos os programas - você tinha que fazer um exame *qualifying* no final do primeiro ano para determinar se você podia continuar ou não. E esse exame era assim: você fazia uma série de entrevistas e escolhia dois dos *term papers* que haviam sido escritos, os trabalhos de final de curso, que considerasse os melhores, e esses eram entregues como parte do *qualifying*. E eu entreguei - eu me lembro muito bem - um que eu havia escrito para o Sidney Tarrow, para o curso dele de Política Comparada, que era sobre as origens do capitalismo na Espanha e um outro sobre o problema de autoritarismo na América Latina, que eu escrevi para o Bud Kenworthy. E aí, fui fazer as entrevistas, as entrevistas me deixaram muito incomodado. Eu fiquei muito irritado com as entrevistas. Eu, na época, era muito mais agressivo do que eu sou hoje. Com a idade você vai aprendendo a pacificar os impulsos e os sentimentos e as paixões, mas eu na época não era assim, não. E eu me lembro que, por exemplo, eu fui entrevistado por um sujeito, que havia suspeitas sérias de que ele fosse da CIA porque era um comparativista de direita e tal. E aí, naquela época era tudo o que... O sujeito era de direita e fazia política comparada, escrevia livro sobre América Latina, claramente era da CIA. [risos] Um dos responsáveis pelos golpes. [risos] E ele me perguntou porque é que eu tinha ido para a Cornell. E aí eu falei: "Olha, por causa da flexibilidade..." Falei o que eu falei aqui, agora. "Pela flexibilidade e tal..." E adicionei: " Pelo fato de que Cornell era uma das quatro universidades americanas que tinham um *latin american librarian*", que são bibliotecários especializados em América Latina. Então cada um deles viajava um trimestre para a América Latina e comprava tudo o que era publicado. Então você tinha muito acesso aos trabalhos sobre América Latina. Eu queria muito fazer, na coisa comparada, estudos sobre América Latina. Já era uma coisa que eu havia escrito na época na UNB e tal. E aí, eu falei: "Olha, por isso. A flexibilidade do programa e a biblioteca." Ele disse: "Mas não pelos professores?" Eu disse: "Olha, não porque eu nem conhecia vocês. Eu não sabia quem eram os professores aqui. Eu realmente pensei mais institucionalmente." E aí ele começou a me fazer perguntas que eram basicamente de natureza política. E o outro também. Aí eu fui me irritando, e comecei a radicalizar as minhas respostas, não é. Quer dizer, fui puxando cada vez mais para a esquerda. E aí eles me reprovaram. Eles me reprovaram no *qualifying*. O comitê. Era um comitê de três professores. O meu orientador não me defendeu, que era o quarto membro do comitê. E aí, os que eram reprovados, eram... O resultado dos comitês era depois, então, referendado pelo departamento. E o chefe do departamento, na época, cujo nome eu não me lembro mais - é uma injustiça com ele - era um dos expoentes do funcionalismo na Ciência Política americana, e ele disse que eu não podia ser desqualificado porque eu tinha escrito os

melhores *term papers* de natureza estruturalista que ele já tinha lido, de estudante, na Universidade e tal. E que era um absurdo, eles estavam com preconceito comigo e tal, ideológico, porque eu era marxista e tal. E com isso, então, eu passei.

S.P. - Que bom.

S.A. - Mas era difícil, entendeu? Quer dizer, era o tempo todo que você tinha que ficar fazendo força para mostrar que você tinha o direito de pensar diferente do que eles pensavam.

S.P. - E quais autores que você leu no doutorado, nas disciplinas, que te influenciaram?

S.A. - Nas disciplinas, por exemplo, eu me lembro muito bem que no curso de Política Comparada, ele, o que era comandado pelo Sidney Tarrow, tinha assim: Lipsit, aquela literatura clássica daquela época, não é. E sobre América Latina era um livro de um neto do Kautsky, que é um livro muito ruim. E ele me deu esse para eu ler. Eu disse: "Olha, primeiro: eu acho que não faz sentido você me dar um livro sobre América Latina para eu discutir no seminário, porque eu sei mais América Latina do que qualquer um de vocês. Isso era legal que um outro, um americano, um cara que não sabe de América Latina, lesse. Depois tem o seguinte: eu posso te sugerir pelo menos uns *dez* outros livros, em inglês, sobre América Latina melhores do que esse. Esse livro é muito ruim." E ele então disse que não, que eu tinha que fazer...Aí eu fiz um comentário muito crítico. Falei sobre todos os livros... Levei todos os livros sobre América Latina em inglês para a discussão lá no seminário. Mas era isso, era uma literatura muito daquele comparativíssimo... do velho comparativíssimo da década de 60 ainda. Tinha muito pouco livro recente, assim, da década de 70. Mas era Ciência Política clássica. O único erro que eu acho que realmente tinha assim mais grave era, de fato, esse livro sobre América Latina, que mostrava que tinha sido escolhido por gente que não conhecia o continente, não é. Mas depois eu não fiz mais cursos substantivos porque depois aí eu montei cursos de leitura nos quais eu combinava com o professor as leituras, e eu fiz um *minor*... Eu fiz um *minor* em desenvolvimento da América Latina, que eu fiz com o Joe [inaudível]. Era um sociólogo que tinha escrito um livro sobre industrialização na América Latina famoso na época, era muito amigo do Gláucio também, e com um economista, o Tom Davis, que tinha escrito um artigo famoso sobre o Chile, sobre economia chilena, sobre inflação no Chile. Então com esses, lia o que tinha de melhor na literatura latino-americana para esse curso. E o outro *minor* que eu fiz foi em metodologia. E aí eu fiz com um cara, o [inaudível], que era um sujeito...Ele tinha feito uma trajetória muito específica porque ele tinha saído da área de matemática, tinha feito um doutorado em física, depois fez um doutorado em Filosofia Política, e era professor de metodologia na... Então ele puxava muito para Filosofia. Então ali foi a primeira vez que eu li o Thomas Kuhn, com ele, discutindo assim, muito seriamente e tal, e ele era discípulo do [inaudível]. Então, com ele era uma coisa, uma leitura muito filosófica até, de Filosofia da Ciência e de Metodologia teórica, não é, de teoria da metodologia.

C.C. - Agora, o tema do *Leviatã dividido*...

S.A. - Pois é.

C.C. - Como é que chegou ao tema de tese?

S.A. - Aí foi... Nessas leituras do desenvolvimento da América Latina, eu comecei a ler também, em um curso de leitura com o Bud Kenworthy, a literatura sobre o novo Estado capitalista, aquela coisa que depois virou *critical theory*, até da Teoria marxista do Estado e tal. O'Connor, Miliband, Poulantzas... E aí, a partir daí, eu comecei a me interessar por fazer a tese sobre política... Sobre intervenção do Estado na economia no Brasil. E teve uma reunião da Associação Americana de Sociologia, em Toronto, e aí eu fui lá e estavam o Luciano Martins e o Fernando Henrique. E aí eu discuti com eles o projeto de tese, eles deram algumas ideias e tal. Eu acabei fechando o projeto em torno daquilo e fui para a defesa do projeto com o Sidney Tarrow. Ele aprovou. Já estava interessado um pouco nisso também. E aí, quando eu fui fazer... eu estava começando a pensar como é que eu ia fazer a pesquisa, o Luciano Martins tinha vindo de Paris para o Brasil, e tinha montado um projeto de pesquisa na Finep, protegido pelo doutor Pelúcio, que era uma espécie de aldeia, de ilha de liberalismo no governo militar. Para você ter uma ideia, nesse grupo de pesquisas que o Pelúcio apoiou tinha três linhas... tinha quatro linhas de pesquisa importantes. Uma é essa coordenada pelo Luciano Martins, sobre intervenção do Estado na economia brasileira. Uma outra é do Lessa, do Carlos Lessa, que gerou a tese de livre docência dele. Uma outra do Antônio Barros de Castro, que gerou a tese de livre docência dele. E uma outra da Maria da Conceição Tavares, sobre competição industrial. Aí o Luciano me chamou para coordenar a parte de análise de políticas públicas do projeto e o Mario Machado para coordenar um *survey* de opiniões sobre intervenções do Estado e tal. E aí eu combinei com ele que eu, então, retiraria o material da minha tese desse projeto de pesquisa.

C.C. - Mas aí você estava morando nos Estados Unidos, veio ao Brasil? Ou não?

S.A. - Hein? Não, aí eu voltei. Aí eu voltei...

C.C. - Você voltou quando?

S.A. - Eu voltei...

C.C. - Antes de terminar a tese?

S.A. - Antes... Ah, sim. Logo que eu terminei os créditos, não é. Eu voltei em setenta e... Eu fui em 73, voltei em 78. E... Não, voltei em 77. Aí fiz esse projeto, o Luciano voltou para Paris para escrever um livro sobre... com o resultado do projeto, e aí eu voltei para a Cornell para escrever a tese.

C.C. - Para escrever a tese.

S.A. - É.

C.C. - Nesse meio tempo, 73-77, você vinha ao Brasil ou não?

S.A. - Só uma vez. Uma vez só que eu vim.

C.C. - E na volta, o clima estava diferente já aqui ou ainda não? Como é que foi?

S.A. - Na volta já estava começando o processo de abertura do Geisel, não é. E já estava melhor. Ainda tinha muita repressão. Eu me lembro que eu fui demitido da UNB, não é, então não pude voltar para a UNB. Aí o Fernando Henrique me chamou para ir para o Cebrap. Ele era o presidente do Cebrap. Não estava ainda envolvido em política. Mas para fazer um projeto, que era um projeto junto com a Unicamp, sobre estrutura do aparelho de Estado, ou aparelho econômico do Estado no Brasil e tal. E aí o SNI vetou a dobradinha Cebrap-Campinas com o dinheiro de uma fundação alemã, e eu não pude ficar, porque não tinha dinheiro para lá. Aí o Antonio Otávio Cintra me chamou para ir para Belo Horizonte para montar um programa lá de indicadores sociais de qualidade de vida, que tinha dinheiro da Vale do Rio Doce. Era um projeto para fazer a medição de qualidade de vida social em Minas e no Espírito Santo. E aí eu falei que não dava, que tinha esse veto e tal. Mas Minas era o império do Aureliano Chaves, não é. Quem vetava era ele.

C.C. - Que era vice...

S.A. - Que era o governador. Era o governador.

C.C. - Não, governador. Perdão.

S.A. - Seria vice-presidente. Era um governador muito influente. Aí eu fui, trabalhei na Fundação João Pinheiro, lá em Belo Horizonte. Dei aula no DCP, da UFMG, como professor visitante, como professor colaborador, com o aval do Aureliano também. E aí depois eu vim embora para o Rio.

C.C. - O DCP, teve várias pessoas que saíram de lá, não é? O próprio José Murilo...

S.A. - Teve.

C.C. - O Olavo...Teve...

S.A. - Olavo. Teve...

C.C. - Teve ainda mais gente...

S.A. - O próprio Baesse. Não, o Baesse veio da Sociologia.

C.C. - É...

S.A. - Acho que o Renato.

C.C. - O Fábio Wanderley que ficou...

S.A. - Fábio Wanderley ficou lá.

C.C. - Entrevistamos também.

S.A. - É.

C.C. - E você deu curso de que lá?

S.A. - Eu dei um curso de partidos... Como é que é? Partido e Estado no Brasil. Tratava de coisa de sindicatos e tal.

C.C. - Era do departamento de Ciência Política?

S.A. - Departamento de Ciência Política.

C.C. - Você... Tem até uma entrevista tua que você fala: "Eu sou sociólogo político."

S.A. - É.

C.C. - "Sociologia Política que é a minha especialidade."

S.A. - É. Porque eu fiz... Na UNB eu fiz Sociologia. E fiz Sociologia mesmo. Quer dizer, era... E depois, quando eu comecei a mexer com política, eu comecei a trabalhar com as duas literaturas, não é. Mas eu nunca abandonei a ideia de olhar a sociedade junto com o sistema político, não é. Então, eu faço mesmo um híbrido ali de Sociologia Política, mais do que Ciência Política *stricto sensu*.

C.C. - Aí do DCP você foi terminar a tese. Aí você se desligou?

S.A. - Não, aí eu terminei de escrever a tese. Aí me desliguei, voltei para os Estados Unidos. E quando eu voltei para o Rio, aí eu fui trabalhar... Continuei na Finep, eu pedi uma licença... Na verdade não. Foi assim: quando eu terminei, eu vim para o Rio, porque o Luciano... Eu não terminei a tese lá. Eu comecei a trabalhar na tese lá e aí o Luciano me chamou para vir coordenar aqui no Rio a Finep. Aí eu vim coordenar, trabalhei na Finep, era contratado da Finep, pedi uma licença para poder ir defender a tese, uma licença sem vencimentos - tinha dinheiro da Fundação, da bolsa, para isso - e aí quando eu voltei, eu pedi demissão da Finep e fui para o Iuperj.

C.C. - Iuperj em que ano que você foi? 78? Logo depois? Não.

S.A. - Não, Iuperj eu fui em 82, por aí. É, acho que 82.

C.C. - E por que o Iuperj, na época?

S.A. - Olha, eu já considerava na época o Iuperj uma instituição de muito boa qualidade. Eu queria ir para lá. Quando eu fiz a minha tese de mestrado na UNB, com o Gláucio, sobre processo legislativo, eu fiz a primeira análise quantitativa de votação nominal feita no Brasil. E me deu um trabalhão danado. E quando eu fui fazer a análise estatística dos [inaudível], o computador da UNB não tinha capacidade para rodar os meus dados. É um negócio inacreditável. Os jovens hoje... Quando eu conto isso para aluno meu, eles não acreditam. Olha, o computador ocupava metade do prédio do Instituto de Ciências, que era chamado Minhocão lá na UNB. Um negócio comprido e tal. Ele ocupava, assim, o equivalente a umas trinta ou

quarenta salas. Ar condicionado, uma coisa toda cheia de coisa e tal. E tinha 14k. [risos] A minha análise, ela implicava em inverter uma matriz de votos por deputados para fazer uma análise fatorial, e ele simplesmente não tinha capacidade para inverter a matriz. Então eu tive que passar dois meses aqui no Rio - dois ou três - para poder processar na PUC, que tinha um IBM. O computador da UNB era um [inaudível]. Tinha um IBM novo, que tinha capacidade para inverter a matriz. Mas tinha, assim, 78 ou 120k, não tinha nada de espetacular. Era menos do que o relógio, muito menos do que um celular. E aí você tinha aquela coisa toda, você tinha que preparar os arquivos, não é, cartão perfurado, aí você tinha que passar com uma fita, comprar a fita etc. E aí o Iuperj me dá o apoio, e quem me deu realmente apoio foi o marido da Argelina . O Figueiredo.

S.P. - Marcos.

S.A. - Marcos Figueiredo, não é.

C.C. - Marcos Figueiredo.

S.A. - O Marquinhos me deu apoio. Ainda me ensinou algumas contas, coisas de como que fazia para trabalhar com aquele negócio lá. E eu vi que tinha um... Eu também fiquei conhecendo o Edmundo, o Edmundo Campos Coelho, que depois nos tornamos grandes amigos. Aí eu falei: "Não, não quero ficar na Finep. Minha vocação não é setor público. Eu quero ir para o Iuperj." E comecei a negociar a minha ida para o Iuperj e terminei indo lá.

C.C. - Aí você foi como professor de que disciplina?

S.A. - Aí eu fui...Eu comecei como professor de Teoria Contemporânea, com a vantagem comparativa de ter recém-chegado dos Estados Unidos, conhecer a literatura contemporânea muito bem e tal, não é. E aí eu comecei com Teoria Contemporânea. Depois eu dei um curso longo de leitura de *O Capital*. Eram quatro semestres de leitura de *O Capital*. O primeiro semestre foi uma leitura do início, dos autores que Marx vai se inspirar ou criticar. E aí depois um semestre para cada livro de *O Capital*. E aí depois eu voltei para Teoria Contemporânea. Depois eu voltei... Basicamente, no Iuperj, eu trabalhei na área...Ah, não, eu dei um curso de Política Comparada também. Dei um curso de Política Comparada também. Mas o centro onde... Dei um curso de Metodologia também. Estou me lembrando aqui dos ex-alunos, por exemplo, o filho do Fabio, o Bruno Wanderley Reis, foi meu aluno em Metodologia. Ele veio, ele estudava no DCP, na UFMG. Ele veio para fazer o curso de Metodologia e voltou. Na mesma turma do Fabiano Santos, filho do Wanderley.

C.C. - E o clima no Iuperj na época? Como é que era?

S.A. - O clima na época era ótimo, não é? Quer dizer, a gente tava em expansão, tinha muitos projetos. Estavam montando a pós-graduação... o doutorado, não é. E era um momento muito vivo, tinha muitos bons alunos. A discussão era muito viva, muito atualizada, não é. Era muito bom. E o clima era muito bom. A gente tinha um seminário entre os professores que era muito... intelectualmente muito gratificante, não é. Foi onde eu escrevi o *Presidencialismo de coalisão*, o artigo. Foi... Naquele período ali da Constituinte, a gente fazia reuniões semanais de conjuntura - professores e alunos - e discutíamos o andar da carruagem da Constituinte, não é.

E daí que surgiu a ideia. Quer dizer, essas discussões sobre que modelo que vai ser e tal. Eu me lembro que conversei muito sobre isso com o Olavo Wanderley. E era um ambiente muito estimulante, produziu ótimas teses na época e muitos trabalhos importantes, não é.

C.C. - Agora, o artigo do Presidencialismo de coalizão ia ficar muito famoso depois. Até recentemente você revisitou. Como é que surgiu o texto, não é? O propósito dele ?

S.A. - Surgiu assim: A gente, nessas discussões de conjuntura, não é, a gente ia vendo ali o embate na Constituinte e tal, e aí que foi ficando claro que a Constituição ia ser na direção do presidencialismo. Multipartidário, com... Aí eu falei: "Cara, isso aqui vai dar mais ou menos em 46 com algumas mudanças, não é, com alguns legados aqui da Ditadura e tal." Na verdade, eu não escrevi sobre o modelo pós-88, não é. Eu acabei de escrever um livro sobre ele agora, porque naquela época na verdade era assim: Já que nós vamos voltar a uma experiência de presidencialismo multipartidário etc e tal, vamos ver como é que era antes, como é que esse modelo se compara com outros modelos, não é, e com o presidencialismo e tal.

C.C. - Tinha outras...pessoas...

S.A. - E tinha muita cabeça de gente comparativista, quer dizer, que era o meu negócio na época. Eu tinha acabado de chegar, ainda estava fresco na minha cabeça a ideia de política comparada e tal. Comparar com França, com Estados Unidos, com...

C.C. - A primeira defesa de tese que eu assisti na vida foi da Lúcia Hippolito, sobre o PSD...

S.A. - Sobre o PSD. É.

C.C. - Orientada pelo Wanderley, não é. Ele falava: "Vai ter uma tese lá no Iuperj". Eu fui lá ver de curioso, era a tese dela. Eu não me lembro que ano isso, mas... Anos 80.

S.A. - É. A Lucia defendeu a tese, eu já estava lá. Ela chegou a ser minha aluna.

S.P. - Bom, o seu artigo sobre presidencialismo de coalizão é muito pessimista.

S.A. - Eu não fui... Eu, quando eu escrevi, eu não tinha essa intenção, não. É engraçado isso, porque eu já li... O que é que aconteceu com esse artigo - sem querer cortar a sua pergunta...

S.P. - Imagina.

S.A. - Entendeu? Eu, depois que eu deixei a vida acadêmica, o artigo ainda não tinha prosperado. Ele tinha passado ali por uma discussão, dentro do Iuperj, muito estimulante e tal, e depois ficou como mais um artigo que eu tinha escrito e publicado na *Dados* e tal. Alguns anos depois é que eu, por acaso, fui chamado para ir à Unicamp, em um congresso da Anpocs - Não sei se era da Anpocs ou da ABCP já - e aí... Mas eu fui convidado para falar sobre meio-ambiente, não sobre...

S.P. - [inaudível]

S.A. - [riso] É. Era uma mesa lá sobre sobre a questão de meio-ambiente e tal. E aí eu me encontrei no campus, assim, na rua, com o Charles Pessanha, e o Charles falou assim: "Pô, seu artigo é uma coisa impressionante, não sei o que, e tal." Eu digo: "Cara, eu não sei nada disso. Manda aí pra mim, para eu ver e tal." E aí tinha lá um índice de citações absurdo. Eu nem tinha me dado conta. E realmente resisti muito, a vida inteira. Resistiu durante trinta anos, na verdade, a voltar ao tema, não é. Na verdade, eu escrevi um negocinho sobre ciclos, mas já não era um trabalho assim...

S.P. - Popularidade, inflação...

S.A. - É. Popularidade, inflação e tal. Mas só. Depois eu não tinha...Mas aí que você estava falando sobre o pessimismo... Aí eu comecei a ler sobre o que escreviam sobre o artigo, e aí havia gente dizendo que os que escreviam sobre presidencialismo de coalizão se dividiam em dois grupos: os otimistas, os que achavam que funcionava, e os pessimistas, que eu tinha inaugurado a ala dos pessimistas, que diziam que não funcionava e etc e tal. E aí eu fiquei até surpreso, porque eu estava fazendo alguns alertas para o fato de que não tinha funcionado em 46. Mas eu não escrevi sobre 88, não é. Até porque o artigo saiu publicado antes da promulgação da Constituição.

S.P. - Você enviou em novembro de 87.

S.A. - É. Novembro de 87. Exatamente.

S.P.- E o que eu acho, enfim, mais brilhante no artigo é isso, que foi escrito no meio da Constituinte e você intuiu que seria presidencialismo. E o parlamentarismo também poderia ter sido...

S.A. - É. Poderia.

S.P. - Por que esse...?

S.A. - Porque tinha ficado claro já, ali no final de 87, que a cisão entre conservadores e, digamos, progressistas da época, não é, e, portanto, entre a comissão de sistematização e o plenário, já era irresolúvel. E aí eu pensava o seguinte: "Cara, se eles são contra o que a sistematização fez, eles vão ser contra o parlamentarismo. Eles vão ser a favor do presidencialismo. Então a maioria vai ser presidencialista." Tinha uma outra razão que era a seguinte: O que é que está na cabeça... A maior parte daquele pessoal ali tinha vivido 46, não é, 46-64. E eles tinham vivido a experiência do semi presidencialismo com o Jango, que era uma experiência ruim, não é. Sabe que hoje, depois até, revendo a história, eu acho que só foi ruim por outras razões, mas não foi totalmente ruim aquela experiência, não. E aí eu disse: "Olha, a preferência mediana, aqui, modal, desse negócio, é presidencialista. Quer dizer, os parlamentaristas são minoria." Depois eu achava que tinha uma dificuldade enorme para resolver, que eles não seriam capazes de resolver, os parlamentaristas, que é o que é que você faz com os estados, o que é que você faz com a federação. Você torna a federação toda ela parlamentarista também, como é no Canadá, e aí é uma loucura, não é. Lembra aquele volume que depois o Fabiano, o Fabito fez sobre presidencialismo de coalizão nos estados? Você tem assembleias legislativas que são dominadas por...

S.P. - E ainda hoje.

S.A. - E ainda hoje. Quer dizer, então você imagina, não é, a quantidade de primeiro-ministro representando a bandidagem que você não ia ter aí. E não fazendo parlamentarismo, você teria governadores presidencialistas, na verdade, com um enorme poder sobre a bancada e um primeiro-ministro que dependeria o tempo todo da bancada. Esse cara vai ficar refém. Vamos voltar à política de governadores da Primeira República e esses caras não vão querer. Então eu achava que não dava.

S.P. - E os governadores, depois de 88, na verdade, acabaram tendo um papel político muito menor do que se imaginava. Ao que é que você atribui isso?

S.A. - Eu acho que foi o fato de que a Constituição, ela é descentralizadora, digamos, na letra, mas ela é hiper centralizadora nos recursos e nos poderes, não é. Então na verdade, os governadores viraram pedintes diante do governo federal, e aí não tem jeito. Eles perdem a... E os deputados federais e os senadores também são pedintes de recursos federais para os seus estados. Então eles passam a depender mais do presidente do que do governador, não é. Embora tenha pesquisas mostrando que os governadores puxam mais voto para deputado, que é até natural porque são eleitos nos estados, não é, do que os presidentes, para formar bancadas. Mas mesmo assim...

S.P. - Mas outras pesquisas mostram que os governadores não têm influência nenhuma sobre os votos...

S.A. - Pois é, eles não têm... Sobre os votos na bancada.

S.P. - No plenário.

S.A. - Exatamente. No plenário. Eles ajudam a eleger, mas não tem influência.

S.P. - É interessante isso. É um paradoxo.

S.A. - É.

C.C. - Agora, Sérgio, você ficou no Iuperj até que ano? 91?

S.A. - 90.

C.C. - 90?

S.A. - É.

C.C. - Aí que você cria a consultoria, [inaudível], que estava surgindo?

S.A. - É. Foi.

C.C. - Quando você falou: "Depois que eu deixei a vida acadêmica...", é esse momento que você considera? Ou não?

S.A. - É...

C.C. - Ter deixado a vida acadêmica.

S.A. - Porque eu deixei a vida acadêmica full time, não é. Eu nunca deixei a vida acadêmica integralmente, mas... Depois eu fui dar aula na CoppeAd durante muito tempo, não é...

C.C. - Mas aí nesse momento, você acha que foi um divisor?

S.A. - Mas... Foi um divisor. Foi. Foi.

C.C. - Agora, o que é que te levou a fazer isso? Você tinha o que, quarenta anos?

S.A. - É...

C.C. - Mais ou menos. Quarenta e um...

S.A. - É. Quarenta.

C.C. - Não sei, por aí.

S.A. - A saída...

C.C. - Não era meio arriscado sair, ou não?

S.A. - Veja, foi o seguinte: Eu tive um conflito muito forte no Iuperj, eu fui demitido do Iuperj por discordar e explicitar a minha discordância com relação ao caminho que estavam dando à Instituição.

S.P. - Qual caminho era esse?

S.A. - Não romper a autonomia com a Candido Mendes, não rever a qualidade dos projetos de pesquisa e não enfatizar a excelência e a atualização dos professores. E aí, eu dizia claramente qual era a minha posição. Eu não sou de fazer política de bastidor, de corredor. Eu falava para os meus alunos, dizia: "Olha, eu não estou entendendo o que está acontecendo e acho que vocês vão se dar mal aqui." Esse conflito ficou irresolúvel, fui demitido. E aí...

C.C. - Quem era o diretor, na época?

S.A. - Maria Regina Soares de Lima.

C.C. - Maria Regina?

S.A. - É.

C.C. - Tem uma entrevista, acho que do Edson Nunes... Bom, o Iuperj tem um ápice, depois tem uma longa crise...

S.A. - É.

C.C. - ... que vai dar no que dá, não é. Ele interpretava, - eu posso estar meio enganado - mas tinha várias pessoas que também, vamos dizer, tinham, para além da vida acadêmica, uma atividade como pesquisa aplicada, consultores... Edson Nunes, o Simon, o Alexandre Barros, que também foi... Quer dizer, demitiu-se. Ele conta essa história. Então o Edson fala muito... Mas a entrevista foi muito...no momento que o Iuperj acabou e foi para...

S.A. - Foi para o... É.

C.C. - Então ele atribuía, assim: "Devia ter se tornado uma FGV. Não se tornou. Foram excluídos os que faziam consultoria ou pesquisa aplicada para ficar só os puramente acadêmicos. Eu não sei se... Eu não sei se eu estou sendo fiel ao que ele falou.

S.A. - É, eu acho que ele...Nós coincidimos um pouco nesse diagnóstico, porque eu acho...

C.C. - É. Romper com a Cândido implicava também em trazer recursos.

S.A. - Implicava em você ter... Exatamente. Se bem que nós já éramos os principais financiadores de nós mesmos, porque os nossos projetos de pesquisa no CNPQ e na Finep, e alguns com fundações estrangeiras, eram financiadas do bolso.

C.C. - A Finep pagava salário ainda na época, né?

S.A. - Ainda pagava salário na época.

C.C. - Depois parou.

S.A. - Depois parou.

C.C. - O CPDOC também.

S.A. - É.

C.C. - Metade da folha era a Finep.

S.A. - Exato. Então o Cândido pagava ali uma parte da folha, mas, na verdade, a maior parte a gente já bancava. E eu era a favor da gente fazer uma espécie de Iuperj tec. para vender pesquisa, para fazer inclusive pesquisa de opinião. Eu era favorável à gente criar uma fonte de financiamento para o Iuperj, fora. Nunca consegui emplacar essa ideia. E...

C.C. - Mas tinha gente que achava que esse era o caminho?

S.A. - Tinha gente, pouca gente, que achava e tinha gente que achava que isso era uma forma de prostituição da instituição e tal. Mas eu, a partir desse conflito, eu comecei a achar que a situação acadêmica era inviável. Por outro lado, na época, era muito fechada, tinha pessoas que dominavam cada um dos núcleos nas universidades etc... PUC, UFRJ, não é... Então era difícil também me recolocar. E aí eu resolvi testar comigo mesmo a tese de que era possível fazer uma adaptação dos modelos que eu tinha desenvolvido para construir uma consultoria.

C.C. - Aí você dava o que? Análise de risco, planejamento estratégico?

S.A. - É. Planejamento estratégico... Cenários de longo prazo, não é, estratégicos e análise de risco. Risco político. Na análise de risco político, eu montei uma metodologia, com o meu conhecimento de metodologia, montei uma metodologia e durante muito tempo eu publiquei um *newsletter* que chamava *Risco Latino* com uma consultora em São Paulo, a Bolsinhas e Campos. E era um sistema, inclusive, que a gente fazia análise de conteúdo da imprensa para poder ver como é que as coisas funcionavam e tal, e peguei a minha tese de mestrado e desenvolvi um modelo de estimativa de voto no legislativo que era muito bem-sucedido. Então com isso eu conseguia fazer ali uma...E com a coisa da análise estrutural, eu comecei a me desenvolver com a coisa de cenários. Fui consultor da Shell, que tinha uma longa tradição na análise de montagem de cenários de longo prazo, aprendi ali como é que era a lógica daquele negócio e tal, e passei a fazer isso durante algum tempo.

C.C. - Aí se desligou, em grande parte, do meio acadêmico tradicional.

S.A. - Aí eu... É. Aí eu fiquei longe do meio acadêmico tradicional. Depois, uns cinco anos depois que eu já estava só com a consultoria, eu fui chamado para dar aula como professor colaborador na Coppead. E lá eu dava curso político e dava um curso sobre Brasil para uma turma mista, que era uma turma do intercâmbio com o [inaudível] europeu e que aí eu usava um pouco a metodologia que eu usava para construir cenários. Inclusive o trabalho de final de curso deles era fazer cenários de trinta anos para frente e tal.

C.C. - Eu vou perguntar, fique à vontade para responder ou não.

S.A. - Claro.

C.C. - Mas muitas entrevistas foram com cientistas sociais que passaram pelo Iuperj, que foi uma instituição, assim, na Ciência Política e Sociologia talvez só equiparada ao Museu Nacional na Antropologia. Eram os polos, não é...

S.A. - É.

C.C. - O Olimpo, não é, das suas áreas. E teve uma história de agonia e conflito que se arrastou mais de uma década até, enfim, terminar...E o que sobrou, foi uma parte para o Iuperj, perdão, para a Uerj. Claro, você já sabe o fim da história, não é. Mas, pensando retrospectivamente, o que você acha que levou a esse, vamos dizer, ...

S.A. - Olha...

C.C. - ...a essa trajetória e ao desfecho, não é, do Iuperj como instituição.

S.A. - Eu acho que aconteceu com o Iuperj duas coisas: Uma delas é típica da história das instituições no Brasil, que é crise de sobrevivência à primeira geração. Eu não sou exatamente primeira geração porque quando eu cheguei lá, o Iuperj já estava razoavelmente consolidado, mas eu, por causa da minha idade, quer dizer, da rapidez com que eu fiz o meu doutorado etc., eu fui doutor mais cedo do que vários colegas meus que são dez, quinze anos mais velhos do que eu. Então eu fazia parte dessa geração. Na verdade...Então, a instituição sobreviver à primeira geração, a geração dos fundadores, dos mais velhos e tal, era sempre um desafio, é um desafio portentoso, não é. E aí para isso você precisa de ter alguns recursos, desenvolver recursos institucionais para fazer isso. Eu acho que o fato de que o Iuperj não tinha uma inserção, ele era muito isolado, a relação com a Cândido Mendes sempre foi uma relação de uma certa... Amigos distantes, inimigos próximos. Quer dizer, quanto mais próximo, mais conflito, quanto mais distante, mais amigável. Mas nunca se integrou à estrutura institucional.

C.C. - Nem se apresentava como Cândido Mendes, não é.

S.A. - Nem se apresentava.

C.C. - Muita gente ficava surpreso de saber que era parte da Cândido Mendes.

S.A. - Exatamente. Tinha identidade própria e muito isolada, não é. Isso aí é difícil. Você... No ecossistema institucional brasileiro, uma instituição pequena, totalmente isolada, a sobrevivência dela é muito difícil. Esse é um ponto. O outro ponto que eu acho que talvez até seja tão relevante quanto esse é que, por causa de ser uma instituição pequena e isolada, o Iuperj ia ficando menor do que os que faziam parte dele, se desenvolveram intelectualmente dentro dele, não é. Casos que eu acho absolutamente claros nesse sentido foram o Simon, que foi um dos primeiros a sair, Amaury, José Murilo, não é, o próprio Mário Machado, que foram saindo porque o Iuperj era pequeno e, por outro lado, era rígido demais para conseguir acomodar aquelas pessoas. Tinha que ter uma plasticidade, talvez, das instituições francesas, não é, de você poder cada um criar o seu nicho ali do tamanho que ele é e a instituição simplesmente se beneficiar daquela coleção de ícones ali da... Então... O próprio Wanderley nunca saiu integralmente, mas ele acabou indo fazer outras coisas e tal, ficando cada vez menos no Iuperj, e...

C.C. - Agora, a figura do Cândido, também é curioso... Tinham várias pessoas dessa geração mais antiga que tem uma admiração, quase que um feitiço pela figura *do* Cândido Mendes.

S.A. - É.

C.C. - Mesmo quando o Iuperj já não pagava salário, não pagava Fundo de Garantia, mas as pessoas, assim, não jogavam pedra nele, não é.

S.A. - Claro.

C.C. - Falavam...

S.A. - É. Porque ele foi o pai fundador daquilo. Quer dizer, o Cândido criou aquilo e deu abrigo a pessoas que estavam... Vamos lembrar que a primeira geração do Iuperj era Carlos Estevão Martins, Bolívar Lamounier, o Wanderley, era gente que estava com dificuldades de inserção na vida acadêmica brasileira por causa da repressão e dos vetos. Então, o Iuperj naquele primeiro momento dele, ali, ele era uma espécie de Cebrap, não é, ele fez o mesmo papel do Cebrap. Era um abrigo civil, digamos assim, para os perseguidos do regime militar na academia. Depois, foi-se consolidando mais e foi-se criando... Mas eu me lembro que quando eu cheguei, o Cândido ainda tinha papel importante e ele usava o Iuperj como cartão de visita dele para o mundo da excelência nas Ciências Sociais. Quando ele queria fazer campanha, por exemplo, para a Associação Internacional de Ciência Política etc., ele basicamente convocava o Iuperj como o seu *platoon* de frente, não é. Porque na Cândido Mendes mesmo ele não tinha excelência instalada, não é. E, portanto, quer dizer, eu acho que ele teve, de fato, um papel importante. O Iuperj não teria existido não tivesse sido a iniciativa dele, não é. Acho que depois a coisa foi piorando...

C.C. - A questão financeira também.

S.A. - O Cândido talvez como o vinho, não fica melhor com a idade.

C.C. - É. Está bom, Sérgio. Agora...Bom, você ficou na consultoria também, não é. Agora eu queria te perguntar como é que o meio ambiente entrou nas tuas preocupações?

S.A. - Ele entrou pelo cenário de longo prazo, não é. Eu fui contratado para fazer uns seis ou sete cenários de longo prazo por empresas muito grandes, que tinham visão de longo prazo e precisavam de tomar decisões cujo amadurecimento seria daí a vinte, trinta anos. Então, investimentos importantes. Eu me lembro, por exemplo, de uma delas, ela tinha que tomar a decisão de ficar no Brasil ou sair do Brasil e o montante de investimento envolvido nessa decisão era vinte bilhões de dólares. Quer dizer, não era uma coisa trivial. E a minha metodologia de desenvolvimento de cenários era muito participativa. Eu fazia uma orientação, mas eu fazia meio um pouco como eu fazia em sala de aula, não é. Tirar ideias e estimular a criatividade e tal. E aí um dia, eu voltando aqui para o escritório, comecei a olhar os cenários que eu vinha fazendo para pensar... estava pensando em um cliente prospectivo, e de repente eu me dei conta que há uns três cenários atrás eu não conseguia mais...a gente não conseguia mais fazer nenhum cenário de longo prazo que não contemplasse mudança climática. Aí eu falei: "Pô, então agora chegou na hora de eu estudar esse negócio. Eu tenho que levar isso a sério." E aí fui estudar, aí me dei conta de que era uma coisa realmente muito relevante.

S.P. - Em que ano mais ou menos foi isso?

S.A. - Isso foi... Foi antes de Bali, foi... Final dos anos 90. Final dos anos 90.

C.C. - É curioso que você faz, vamos dizer, esse afastamento do mundo acadêmico, não é, em 91. Em 92 tem a Rio 92, não é...

S.A. - A Rio 92. Exatamente.

C.C. - E aí entra na agenda a questão ambiental com uma força que não tinha antes.

S.A. - É, que não tinha antes. Exatamente. E esse foi o meu primeiro contato. Nessa época, eu trabalhava com... Eu tinha... A minha consultoria era uma associação entre eu e o Marcio Moreira Alves. E a gente foi conversar com o Betinho sobre a Eco-92 - que era muito amigo dele e era muito meu amigo também. E aí na conversa o Betinho falou: "Olha, é o seguinte: tem muita gente querendo ganhar dinheiro com isso aqui. Mas isso aqui é uma coisa séria, isso aqui é uma coisa para ficar." E aí a gente voltou e disse: "Pô, o Betinho tem razão. Isso aí é uma coisa para a gente estudar e não se meter nisso enquanto a gente não souber direito e tal." E aí a partir daí eu já fiquei com essa coisa. Mas eu realmente só fui mexer, levar a sério mesmo, por volta de 98, quando esses cenários começaram a ficar auto evidentes. Acho que não tinha mais escapatória. Quer dizer... Portanto, eu resisti muito à ideia de que era uma coisa para sempre, não é, a questão da mudança climática. E aí foi um momento complicado na minha vida, porque... isso coincidiu também de eu ser chamado para fazer comentários na CBN sobre meio ambiente...

C.C. - E continua até hoje.

S.A. - ... que eu continuo até hoje, e com isso, as pessoas começaram a achar que eu tinha abandonado a Ciência Política, tinha abandonado a minha formação e que eu tinha virado um ambientalista, não é. E foi muito difícil eu conseguir fazer a demonstração de que não, eu continuo... Tanto que hoje na CBN, o meu acordo com eles é o seguinte: quando tem assuntos políticos relevantes, eu faço análise política. Eu não faço... [riso] eu não faço comentários ambientais frios, não é. Quer dizer...

S.P. - Então é a sua análise política agora, não é.

S.A. - É. Exatamente. Então, com isso, eu incorporei, não é. Tanto que esse livro *A era do imprevisto* já é uma incorporação...

C.C. - Que acabou de sair, não é?

S.P. - Não, não. Esse é...

S.A. - É. Saiu ano passado.

C.C. - É, sim. Ano passado...Sob perspectivas históricas recentes... [risos]

S.P. - [inaudível]

S.A. - Ele já tem... Um dos quatro vetores da grande mudança do século XX, da grande transição, é mudança climática. E mesmo agora, no livro sobre presidencialismo de coalizão, em vários momentos eu me dei conta de que eu analiso decisões, como por exemplo a demarcação do território ianomâmi, coisas desse tipo, que eu provavelmente não consideraria como pontos importantes de decisão na visão passada, entendeu? Quer dizer, com os olhos de quem escreveu o artigo *Presidencialismo de coalizão*. Naquela época, eu não tinha a menor

noção dessa história. E aí eu me dei conta de que várias decisões na questão ambiental acabaram entrando na análise das políticas públicas do período pós 88 por conta disso, não é.

C.C. - Ecopolítica.

S.A. - É. [riso]

C.C. - Agora, Sérgio, eu... Você falou, lá no início, que você ficou, jovem, interessado em fazer Literatura e Cinema e tal. E a Literatura mesmo, entrou de que forma? Você falou já do meio ambiente.

S.A. - Eu nunca deixei, não é. Eu escrevi contos ao longo da minha vida toda como acadêmico, embora não como uma coisa *full time*, e há alguns anos atrás eu decidi fechar a consultoria. Eu hoje faço só palestra paga para complementar a renda. Mas eu não faço mais aquela consultoria diária sistemática que eu fazia, e me dedicar a escrever. E nesse processo aí, eu publiquei dois romances, tenho um livro de contos que está para sair. Aí passou a ser uma atividade que eu posso me dedicar a ela mais *full time*. Eu hoje tenho uma disciplina, escrevo quatro horas por dia, sistematicamente todo dia.

C.C. - Mas qual é, vamos dizer, a tua divisão social do tempo hoje em dia para manter essas coisas todas?

S.A. - Agora, por exemplo, depois de escrever o ensaio sobre o presidencialismo de coalizão, que tomou tempo, deu trabalho, foi um processo muito doido, eu, agora, tomei a decisão de que eu vou fazer ficção. Eu vou me dedicar, o ano de 2019, à ficção. Vou escrever um novo romance. Depois de dois ensaios. Antes... Quer dizer, a sequência de publicações foi assim: eu publiquei *Que mistério tem Clarice?*, que é um romance, aí publiquei *A era do imprevisto*, agora estou publicando o *Presidencialismo de coalizão*, o próximo é um romance.

C.C. - Mas você faz planos para, assim, um ano? Ano que vem vou fazer isso. Ou não, é a unidade?

S.A. - É, quer dizer, eu tenho certeza que esse romance vai me tomar, provavelmente até meados do semestre, do primeiro semestre do ano que vem. Então, é mais ou menos isso, não é. Quer dizer...

C.C. - Bom, e também... A pergunta não tem a ver com a vida acadêmica, mas eu fiquei curioso, você podia falar um pouco essa reserva do patrimônio natural.

S.A. - Ah, a reserva que a gente fez, não é.

C.C. - Como é que surgiu isso, de replantar espécies nativas.

S.A. - Bom, aí eu já estava consciente de que a questão ambiental era uma questão importante, não é, tanto da grande extinção de biodiversidade que a gente está vivendo, quanto da mudança climática, e o acaso fez com que a gente passasse a ter uma...o que era antes uma fazenda... na

verdade é quase do tamanho de um sítio, em Santos Dumont, em Minas Gerais, que é perto aqui do Rio de Janeiro.

C.C. - Era sua, a fazenda?

S.A. - Hein?

C.C. - Era sua, a fazenda? Você comprou?

S.A. - Não, não era. Foi o seguinte: foi uma pessoa da família, que teve um problema de conflito na família do marido, eles perderam tudo nesse conflito, e aí a gente arrendou essa terra, que era uma coisa muito barata e muito primitiva. Eu me lembro que a gente arrendou em litros de leite. Porque a região era uma bacia leiteira, e eles ainda calculavam o arrendamento, na época - isso foi aí por volta de 92, 93 - eles calculavam isso na base de litros de leite, que dava, o equivalente na época, a uns trezentos reais por mês e tal. Mas é aquele negócio, você mantém lá... eles faziam lá uma atividade, mas aí tinha assim: a cerca do compasso do vizinho estava ruim, aí o vizinho reclamava que o gado dele fugia pela... Aí tinha que dividir a coisa da cerca e tal. Aí a gente decidiu que pô, ou devolvia ou comprava. Porque ficar gastando dinheiro... E aí a gente fez uma oferta para comprar e compramos. Era um preço muito razoável, descobri que a pessoa, a proprietária, era amiga de papai, porque era de Barbacena, o pai dela tinha sido prefeito lá. Então eu tinha relações de família, então a negociação foi muito tranquila. E aí tem uma mata, tem um fragmento de Mata Atlântica lá, de altitude, de muito boa qualidade. Uma parte pequena - são vinte alqueires. Vinte hectares. Uma parte equivalente a mais ou menos uns oito hectares é mata pura, nunca foi desmatada, nunca foi mexida e tal, e a outra parte era uma parte, assim, em processo muito avançado de recomposição. E aí a gente... A pessoa que cuidava lá para a gente, que era um engenheiro florestal, ele falou: "Por que é que não transforma em uma reserva?" Aí a gente se encantou com a ideia. É uma das poucas reservas homologadas pelo Ibama, ela não é uma reserva estadual, é uma reserva nacional. E aí, a partir daí a gente passou a ter muito prazer. Aí eu chamei...

C.C. - A gente, que você fala, é você e...

S.A. - Eu e minha mulher. A Miriam Leitão. Aí nós chamamos um pessoal, de ambientalistas, para nos ajudar, ver o que a gente podia fazer. Eles sugeriram que a gente expandisse a área de floresta, de mata, e para isso a gente precisaria de deixar uma parte para a regeneração natural e uma parte a gente tinha que plantar. Nós plantamos já quarenta mil mudas. E hoje já é um bosque formado. Em cinco, seis anos, virou um bosque formado.

C.C. - Aí você vai sempre lá?

S.A. - Vamos sempre lá, porque é perto. É quase uma ida a Búzios, não é. É quase igual a uma ida à Búzios. E...

C.C. - Mas não pensou em virar um negócio tipo, sei lá, o Marcos Palmeira, que...

S.A. - Não, porque, na verdade, a gente não tem vocação para isso e somos muito ocupados, não é. Quer dizer, a Miriam trabalha de uma forma absurda e eu, com essa minha coisa de

dedicar a escrever... E por outro lado eu tenho que ter a minha renda. A minha renda, basicamente, implica em viajar para fazer palestra. E eu dou cursos... Então, a gente decidiu - como tem o pessoal permanente lá, que são esses familiares que continuam lá - o que a gente fez foi, na frente da propriedade, a gente tem um projeto ligado à cavalos, que é o seguinte: a gente tem doma, preparação, hospedagem... Porque o gerente lá, o Elmar Filho, ele é veterinário de grandes animais. E aí ele... Ele é ótimo disso. E a gente tem um projeto social importantíssimo, que é um programa de eco terapia com a Apae, da cidade de Santos Dumont, que é a coisa mais bonita e mais interessante e mais importante que a gente faz na vida - muito melhor que os nossos livros e o nosso trabalho - que é uma coisa espetacular. Como os cavalos são domados de forma absolutamente civilizada, uma doma completamente destituída de qualquer tipo de força ou violência. Eles são muito mansos e, portanto, eles se adaptam muito à eco terapia. Então a gente tem a eco terapia, tem esse negócio... Isso aí paga - a eco terapia é de graça. Quer dizer, a eco terapia é um programa social. Mas os eventos de cavalos, preparação dos cavalos, pessoal que comercializa cavalo, por exemplo, precisa de treinar o cavalo a se comportar direito, por exemplo, em uma exposição, em um leilão, não ficar saindo escoiceando etcetera e tal, porque isso valoriza o cavalo. Então eles fazem isso, eles preparam e também tem aula de equitação, com cursos de marcha e de resistência e tal... Isso paga metade do custo da propriedade. A outra metade a gente paga.

C.C. - É, eu fiquei curioso porque é uma, vamos dizer, uma vida muito diversificada, não é. Escritor, jornalista, ambientalista, consultor...

S.A. - Pois é, mas ambientalista eu não sou porque eu não faço a militância, não é.

C.C. - Sim, tudo bem. Especialista em meio ambiente, vamos dizer.

S.A. - Mas a gente... A gente faz, por exemplo, pesquisa lá, não é, que é uma coisa muito legal. A gente... De lá já saíram três teses de doutorado. Uma delas sobre as espécies de fragmento de Mata Atlântica na região ali de Juiz de Fora, Santos Dumont, Barbacena, uma tese de doutorado da federal de Juiz de Fora. Acabou de ser defendida também uma outra tese lá na Federal de Juiz de Fora sobre as espécies da fauna e esse primeiro foram espécies vegetais. E isso tem dado... tem produzido conhecimento importante do ponto de vista da diferenciação das especialidades daqueles fragmentos ali, não é. Porque a mata de altitude, tem Araucária, então você tem espécies diferentes, tanto arbóreas quanto animais e tal. E aves. A gente acabou de promover lá um estudo importante de dois ornitólogos sobre as espécies existentes lá, e descobrimos que tem várias... tem sete espécies que são rigorosamente dependentes da existência daquele fragmento. É uma coisa sensacional.

C.C. - Agora, eu estou aqui pensando, se você não tivesse tido essa saída do Iuperj lá, aos 40, 41 anos, ficasse na vida tradicional acadêmica até hoje, vinte e tantos anos depois, você estaria, não é, talvez, vamos dizer, mais afastado desse mundo todo, não é?

S.A. - É possível, porque você sabe que...

C.C. - Você se vê nesse... Você se vê...

S.A. - É, eu penso nisso. É, pois é...

C.C. - Essa possibilidade, de ser um professor tradicional?

S.A. - Não. Hoje eu já não seria... Quer dizer, hoje eu me dou conta que talvez, em algum momento, teria saído mesmo. Não seria viável ficar. Mas, com certeza, a minha trajetória teria sido diferente mesmo, porque... Eu me lembro, por exemplo, que eu fui a... O último congresso da *American Political Science Association* que eu fui, foi em Toronto - primeira vez que eles fizeram fora dos Estados Unidos, tem alguns anos - e eu fui para apresentar um trabalho sobre a política do desmatamento na Amazônia. E eu me dei ao trabalho - até escrevi um *post* para o meu antigo blog - me dei ao trabalho de olhar aquele catatau, não é, o catálogo, assim, de três mil e quinhentos *papers*, e tinha, assim, um por cento ligado a temas fundamentais, entre eles mudança climática e tal. O resto era tudo *mainstream*, assim, a coisa muito central da velha Ciência Política, e que, na verdade, significa estudar um mundo que está morrendo, não é. Eu olhei aquilo e disse assim: "Caramba, eu provavelmente estaria em uma dessas coisas do centro aqui, não é, do mundo que está acabando. Eu não estaria discutindo o mundo que a gente pode construir a partir dos escombros desse mundo aí." Mas realmente, e só agora é que se abre ali os... Você vê os congressos de Sociologia e Ciência Política que passaram a ter uma preocupação com política climática, política ambiental, muito importante, não é, muito recente na... E não é na academia brasileira, não. É muito recente na academia de Ciências Sociais. Eu me lembro que eu participei de uma reunião sobre geoenharia, que é uma coisa muito perigosa, e tinha... era uma reunião com vinte pessoas, vinte cientistas. Só tinha dois politólogos, eu e um canadense. Todos os outros eram físicos. [risos] Entendeu? Mas era uma coisa, assim, enlouquecida, isso tudo. "Os físicos, o único papel de vocês é dizer que é perigoso. Agora, os politólogos é que tem que entender como é que faz administrar esse risco, não é. Vocês precisam é de convencer os departamentos das suas universidades aí a se debruçar sobre esse assunto, porque..."

S.P. - Bom, outra coisa sobre a qual você tem escrito mais recentemente é o uso de redes sociais, informações, no século XXI. E você usa twitter - foi até onde eu te contactei - você tem *facebook*, *whatsapp*... Como é que você lida com isso no seu dia-a-dia?

S.A. - Tenho. Tenho *facebook*, *twitter*, *instagram* e *linkedin*. Eu lido bem. Eu, diariamente, dedico uma hora a interagir nas minhas redes, não é.

S.P. - Isso é muito metódico, então.

S.A. - É.

S.P. - Divide muito bem o seu dia.

S.A. - Você tem que ter uma certa disciplina, não é. Porque, inclusive, quando você tem um escritório em casa, significa que ou você tem uma disciplina ou você acaba, não é, se divertindo. [risos] Só. Eu não, eu tenho porque eu escrevo quatro horas por dia, não necessariamente uma coisa específica. Tem dia que eu escrevo ficção, tem dia que eu escrevo... Eu estou escrevendo um livro de ensaios novo que é uma sequela da Era do Imprevisto, mas que não será para tão cedo. Mas eu já começo a tomar notas de leituras e tal, não é. Mas... Por que? Porque eu acho...

E a rede é uma fonte de informação muito importante para mim. Até as coisas que as pessoas detestam e que, em geral, as fazem sair das redes, para mim, são importantes.

S.P. - Tipo o que?

S.A. - Tipo *hater*. Tipo as mensagens de desqualificação etc.

C.C. - *Fake news*.

S.A. - *Fake news*. O uso de...

C.C. - Bolhas.

S.A. - Bolhas.

C.C. - Robôs.

S.A. - Exatamente. Robôs. E máscaras, não é. Quer dizer, o fato de que você passa a ter... É um laboratório para você entender coisas que a Filosofia já vinha... A Psicologia Social vinha falando há muito tempo, não é. Quer dizer, você põe uma máscara para interagir socialmente, não é. Só que as máscaras, agora, se tornaram muito mais possíveis e muito mais concretas, não é. Quer dizer, você se esconde completamente em uma máscara. Você pode fazer uma identidade completamente distinta do que você é e, a partir daí, dizer o que você não teria coragem de falar com a sua própria cara, não é, mesmo com a sua máscara social convencional, não é, aquela que você se apresenta para os amigos etc e tal. Eu acho esse uma coisa importantíssima - além de ser fascinante - eu acho que ela é importantíssima porque essa é a trajetória que o mundo vai seguir. Quer dizer, a conversação vai se tornar cosmopolita, digital, globalizada e nós vamos ter que aprender a lidar com essas novas máscaras. Quer dizer, e a gente tem... A Ciência Social, é papel dela, dos antropólogos, dos psicólogos etc... e dos sociólogos e politólogos, de se debruçar sobre isso e encontrar essa lógica, não é.

C.C. - Você não acha que isso foi muito rápido? Eu estou lembrando aqui, na sua entrevista, você foi para Cornell em setenta e...

S.P. - Três.

C.C. - ... três, porque lá tinha... Os bibliotecários compravam os livros. Lá tinham os livros. Eu fui fazer o sanduíche em 91, 2, na Flórida, com o Gláucio de supervisor lá, até, porque lá tinha um *Center for Latin American Studies*, tinha uma biblioteca muito importante também dos Estados Unidos. Os alunos de hoje não entendem quando eu digo que eu datilografei - em uma máquina elétrica, mas datilografei - a tese de mestrado. Para conseguir bibliografia, você ia na Leonardo Da Vinci, no Rio, ou alguém dava a informação. É uma geração. Isso mudou radicalmente.

S.A. - Radicalmente.

C.C. - Há uma geração na ativa que não entende *nada* deste mundo. Quem é mais velho entende porque passou pelo mundo analógico, não é.

S.A. - É. Não, isso é vertiginoso e é... Eu acho que isso daí produz uma transformação cultural importante, não é. E...

C.C. - Dizem que até neurológica. [risos]

S.A. - Neurológica. Exatamente. Porque você... Primeiro: você passa a consumir a informação com muito mais rapidez. Mesmo quando você está lendo um livro digital, é uma leitura muito mais rápida, não é, do que a no papel.

S.P. - Engraçadíssimo isso, não é.

S.A. - É impressionante, não é. Você tem essa experiência também, não é. Porque eu, por exemplo, eu compro livro... Quando eu estava escrevendo *A era do Imprevisto*, de vez em quando eu olhava e dizia: "Pô, eu preciso desse livro para hoje!" Isso seria impossível na época que você estava falando. Na época analógica, quer dizer, para hoje, cara... Também você não precisava das coisas para hoje. Porque se você precisava do livro, você separava o seu processo de produção, não é, para receber o livro e tal, e aí você retomava o trabalho. Não, eu olho... E aí você tem uma rapidez de consulta, de leitura e tal, e aí você pode decidir se você quer ter na biblioteca ou não. Eu estou transferindo a minha biblioteca, uma parte dela, lá para baixo, porque ela já não cabe mais nada, não é. Essa é uma das desvantagens de você ser desinstitucionalizado e meio analógico. Quer dizer, se eu não abandonasse... Se eu abandonasse os livros físicos, ficasse só com os digitais, eu não teria esse problema, não é. Mas é uma mudança vertiginosa e ela é uma mudança radical. Porque ela é uma mudança que transforma a maneira pela qual a gente interage com as coisas e conosco mesmo, e com nós mesmos. E muito rápida demais para dar tempo de você construir uma memória adequada da transição. Na verdade, a impressão... Quando eu converso com jovens, a impressão que eu tenho é que a gente está falando de coisas que deram saltos. E não coisas que foram velozmente, mas que tiveram etapas, não é. Você falou. Eu comecei datilografando no jornal... Quando eu entrei no jornal, com dezessete anos, eu quase fui demitido no primeiro dia porque eu estava escrevendo a matéria, a primeira matéria da vida, à mão. E aí o secretário de redação olhou, eu disse: "Não, mas aí eu vou passar na máquina." Ele disse: "Não, senhor, entendeu? Jornalista escreve direto no teclado e tal." E eu olhava para aquele negócio e dizia assim: "Como assim? Como é que eu vou conseguir conciliar essa coisa aqui com o pensamento?" Hoje eu sou incapaz de escrever um texto relativamente longo, uma carta à mão já é um sacrifício monumental. Na verdade você nem escreve mais carta. Aí a gente saiu da máquina mecânica para a máquina elétrica, da máquina elétrica para o processador de texto, do processador...

C.C. - Muito primitivo ainda.

S.A. - Muito primitiva. Do processador de texto para o computador. Eu me lembro que o processador de texto que tinha no Iuperj, o primeiro, - foi levado pelo Simon, que também sempre foi encantado por tecnologia - era um console, não é. E que não falava com nenhuma impressora existente no Brasil, porque... [risos]. Então era um problema gravíssimo. Tinha

problema de acento, não é. Essa coisa foi... O processador de texto não falava português, não fazia acento, depois passou a fazer mais ou menos e tal. Hoje...

C.C. - Tinha que decorar teclas de atalho que botavam acento, não é, no [inaudível].

S.A. - É, teclas de atalho. Exatamente. Botava o acento, você mudava completamente a lógica do... Exatamente. A lógica do teclado, para você poder escrever com acento e tal. E aí de repente, você começa a ditar e o computador escreve na língua que você estiver ditando, de boa, não é. Eu me lembro que eu tive um acidente em um carnaval, há muito tempo atrás, quando a IBM lançou o primeiro ditador de texto, um programa para você ditar texto para o computador. E eu fiquei com a mão enfaixada e aí a Cora Rónai editava parte de tecnologia lá do *O Globo*, aí ela me pediu para escrever uma resenha do programa de ditado da IBM, ditando, não é. E aí era um negócio absurdo, porque eu levei três dias para fazer a resenha. Porque primeiro você tinha que ficar falando, lendo coisas, para ele entender a forma pela qual você falava para não produzir muitos erros e tal, não é, até conseguir ditar a resenha.

C.C. - O Tolstói que virou *Toy Story*.

S.A. - [risos] Aí vira *Toy Story*.

S.P. - [risos]

S.A. - Exatamente.

C.C. - [inaudível]. Que coisa.

S.A. - E hoje você dita no *Apple*, por exemplo, que é o meu caso, sem o menor problema. Eu vi o primeiro *Apple*, e era, assim, um espanto. Eu estava em Cornell ainda. Fui ver uma palestra de um cara que era professor da *New School for Social Research*. Ele fazia um semestre na *New School* e um semestre em Cornell, no *Cardiurban Planning*. E aí ele deu uma palestra mostrando como é que ele fazia. Ele tinha um *Apple* em Cornell, um outro na *New School*, e ele viajava com um disquete, com os textos. E a gente ficou embasbacado. Eu disse: Gente, a quantidade de tralha que eu carrego, quando eu viajo, para escrever um texto junto com um amigo, não é, e tal. Ele está levando um disquete. Que coisa maravilhosa e tal. " Hoje você não leva nada. Literalmente, não é.

C.C. - É na nuvem.

S.A. - É na nuvem.

C.C. - É... Foi ótimo que você falou dessa dimensão, que é um aspecto desse projeto, de Ciências Sociais, que um colega fez meio criticando: "Você deveria dar atenção a isso, porque daqui a uma geração eles não vão ter ideia do que é que era procurar uma bibliografia sem internet. Do que era escrever à mão ou em uma máquina elétrica. Essa coisa material da técnica corporal e mental de fazer as coisas, como é que funcionava."

S.A. - Exatamente. É. Eu posso te dizer o seguinte: eu não me lembro mais como é que eu conseguia fazer a pesquisa bibliográfica. Porque... Entendeu? Quer dizer, eu hoje estou...

C.C. - Colocar no correio, não é, as coisas.

S.A. - Pois é. Não é? Você ir na biblioteca... Eu me lembro, remotamente, que aqueles fichários... O problema todo é o seguinte: se você não tivesse uma certa noção prévia do que você queria encontrar. Quer dizer: "Não, eu quero um texto do Lipsit." Aí você vai na biblioteca, naquelas fichinhas lá, e procura em Lipsit e tal, e vê se você encontra. Ou então você vai para as estantes... Eu fazia muito *browsing* nas estantes. Ficava olhando para ver o que é que eu não li, não é, sobretudo de Filosofia... Essa foi uma outra experiência que eu tive. Eu fui... o [inaudível] O'Donnell me chamou para ir para Notre-Dame, como *senior fellow* lá, durante seis meses, na [inaudível] *Academy for Institutional Affairs*. E aí, você não tinha que fazer nada, literalmente. Você não tinha que fazer curso, não tinha que fazer nada. Tinham alguns seminários e eu resolvi escrever, inclusive um texto que acabei usando, boa parte, na *Era do Imprevisto*, chama *Nem seres livres, nem cidadãos*. E eu ia para a biblioteca de Notre-Dame, fazia a mesma coisa que eu fazia na de Cornell. Chegava lá nas estantes de Filosofia e ia passando assim ó, vendo o que é que eu ainda não tinha lido, o que é que eu não conhecia, nunca tinha ouvido falar, aí de vez em quando eu me informava, assim: "Não, isso aqui não me interessa e tal." E aí tinha coisas preciosas, assim... Eu lembro, lá em Notre-Dame eu li todos os *Fabian papers*, os *Fabian tracts*, do socialismo Fabiano. Ainda tinha a coleção integral, no original, primeira edição, assim. Aliás, provavelmente só teve uma edição. E aí você falou isso, [inaudível]. Gente, era impossível. Porque hoje você faz uma pesquisa bibliográfica com a maior facilidade, você consegue tudo, onde você quer. É rapidinho. Se você não consegue o livro digital, rapidamente você consegue uma cópia do livro e tal. Então, eu acho que isso aí muda também a maneira pela qual você lida com a literatura. Quer dizer, você hoje tem uma quantidade muito maior de consultas, provavelmente mais superficiais do que as leituras muito mais profundas que a gente fazia no mundo analógico. Você tinha uma bibliografia mais concisa e você daí ficava naqueles livros ali, dedicado, debruçado sobre eles com uma...

C.C. - A produção de texto também, não é. O copiar e colar, e reaproveitar coisas, ficou muito mais comum.

S.A. - Também. Também. Muito mais comum.

C.C. - O autoplágio, às vezes, sem se dar conta muito disso, não é.

S.A. - Exatamente. É. Você sabe que eu tive uma experiência sobre esse negócio do autoplágio, com o livro *Presidencialismo de coalizão*. Eu tinha me comprometido... Quando eu fui o contrato para a *Era do Imprevisto* com a Companhia, eu fiz contrato simultâneo, de entregar em setembro do ano passado o *Presidencialismo de coalizão*. E quando chegou em 20 de agosto mais ou menos o livro estava pronto, eu deixei ele descansando um pouco para fazer a última leitura, e quando eu terminei de fazer a última leitura, eu fiquei espantado com a baixa qualidade do que eu tinha escrito. Eu fiquei, assim, escandalizado com o texto que eu tinha produzido. Eu disse: "Gente, não era nada disso que eu queria. Isso aqui está muito ruim. Isso vai criar uma enorme confusão na cabeça de todo mundo. Não ajuda em nada. E aí eu passei um dia lutando em relação ao que é que eu ia fazer. E aí no dia seguinte eu tomei a decisão,

deletei completamente o livro para não ter a tentação de fazer qualquer corte e cola. E comecei a escrever de novo.

S.P. - Nenhum *backup*?

S.A. - Nenhum *backup*.

S.P. - Não estava impresso?

S.A. - Não, não estava impresso.

S.P. - Não tinha mandado para ninguém?

S.A. - Não, não tinha mandado para ninguém. Deletei. E aí avisei ao Luiz Schwarcz: Olha, Luiz, deletei o livro, vou começar a escrever de novo, vou atrasar um pouquinho a entrega.

S.P. - O que é que ele disse?

S.A. - Ele ficou perplexo. [risos]

C.C. - "Como assim deletou?"

S.A. - Ele nunca tinha ouvido uma coisa dessa. Deletou o livro. Mas de fato... Quer dizer, era isso. Quer dizer, porque é muito fácil você, de repente...

C.C. - Aproveitar.

S.A. - É. Aproveitar. Vem e tal, tenta consertar e... Não é.

C.C. - É. Acho que é uma parte interessante disso. A técnica da escrita, do pensamento, da produção intelectual.

S.A. - E nós não somos nascidos digitais.

C.C. - Não.

S.A. - Então nós ainda temos um pouco dessa memória da vida analógica.

C.C. - Mas que vai se perder muito rápido.

S.A. - Muito rápido.

C.C. - Porque uma geração, uma ou duas, já não...

S.A. - Exatamente. Já não tem mais...

S.P. - O computador hoje já é obsoleto, não é.

S.A. - Totalmente, não é.

C.C. - Bom, Sergio, a gente está quase duas horas aqui, de entrevista. Está tudo muito interessante. Eu só tenho uma pergunta que eu faço de curiosidade desde o início do projeto, que sempre faço. Ainda mais porque a gente está cercado de livros e falando muito sobre os livros. Se você tivesse que destacar um livro, assim, que te marcou muito, em qualquer momento da tua trajetória, uma leitura, o que é que te vem à mente?

S.A. - Independentemente da vida acadêmica? A leitura... *Grande Sertão Veredas*.

C.C. - Achei que ia ser Guimarães Rosa, não sei.

S.A. - *Grande Sertão Veredas*.

C.C. - Quando você leu?

S.A. - Eu li *Grande Sertão Veredas* pela primeira vez em 1968.

C.C. - Nasceu ali pertinho de Cordisburgo, não é.

S.A. - E... Exatamente, ele me reconciliou com a minha alma sertaneja. Porque eu olhava aquela coisa, eu dizia assim: "Eu adorava a vida da fazenda lá em Curvelo, eu adorava aquela coisa toda." Mas eu tinha aquela coisa assim: "Mas o Nunes Cardoso, ele não aguentou. Ele foi embora para o Rio, entendeu? Quer dizer, essa vida aqui é uma vida muito terra, chão, gado. Não é uma vida intelectual. E aí ao ler *Grande Sertão Veredas* eu vi como é que você pode ser sertanejo independentemente da estreiteza da terra, não é. E como é que aquela terra não é esteira, na verdade. Ela tem uma... E isso me reconciliou com o sertão. Hoje, uma das coisas que eu mais gosto de fazer é pegar o jipe e ir embora para o sertão para andar em Veredas e...

C.C. - É uma ótima escolha.

S.A. - Fotografar onça .

C.C. - Agora, é um ritmo de vida muito diferente, o ritmo do *Grande Sertão*, do Guimarães, também, não é.

S.A. - É.

C.C. - Eu me lembro que, quando eu lia no colégio, tinha que ler, eu não entendia, achava chato e tal. Depois de velho, eu fui ler pela primeira vez praticamente, vi que não dá para ler correndo.

S.A. - Não.

C.C. - Você tem que ler no ritmo da oralidade, quase.

S.A. - No ritmo dele. É.

C.C. - Como se você estivesse lendo em voz alta. Se você ler correndo, como a gente faz hoje com tudo praticamente, você não entra naquele universo, não é. Essa é a sensação que eu tenho.

S.A. - Não, não entra.

C.C. - Não sei se você...

S.A. - E muitos leitores iniciais não conseguem passar das primeiras trinta, quarenta páginas por causa disso.

C.C. - Porque vão muito rápido.

S.A. - Porque vão muito rápido. O Sérgio Mindlin é que recomenda... Toda vez que uma pessoa dizia para ele que tinha dificuldade com *O Grande Sertão Veredas*, ele dizia o seguinte: "Leia as trinta primeiras páginas em voz alta." Aquela coisa da oralidade, que é claro, não é, ele, exatamente, ele vai pegando a oralidade...

C.C. - A velocidade do carro de boi.

S.A. - É, exatamente ali, a coisa do tropeiro, não é. E a coisa da metafísica, não é. Esses livrões, assim, sobre a alma, foram os que me influenciaram. *Grande Sertão Veredas* e *A montanha mágica*. *A montanha mágica*.

C.C. - *A montanha mágica*.

S.A. - É.

C.C. - Está ótimo. Bom, Sérgio, acho que é isso. Foi um prazer, Sergio...

S.A. - O prazer foi meu.

C.C. - Queria agradecer muito ter partilhado conosco essas memórias, e...

S.A. - O projeto de vocês é muito importante para eu estar nele.

C.C. - Imagina. E, obrigado à Ninna também.

[FINAL DO ARQUIVO pho_sergio_abranches_2018-09-11_01]

